

A stylized illustration of a tiger's head, rendered in yellow and black, with large, expressive eyes. The tiger is positioned at the top of the poster, with its head partially obscured by the text below.

FESTIA dos BÁRBAROS





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mattos, Antonia

Festa dos Bárbaros [livro eletrônico] : dramaturgia /
Antonia Mattos ; [coordenação AlexandreKrug]. -- São Paulo :
Cia São Jorge de Variedades, 2024. -- [Cia. São Jorge
de Variedades : 25 anos]

PDF

ISBN 978-85-61343-21-7

1. Teatro brasileiro 2. Teatro musical I. Krug, Alexandre.
II. Título. III. Série.

24-241621

CDD-B869.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro 792

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Dramaturgira

Antonia Mattos

em colaboração com os artistas criadores do projeto
“A Guerra dos Bárbaros e a Árvore Encantada da Jurema”

CIA SÃO JORGE DE VARIEDADES

Título :: **Festa dos bárbaros. Dramaturgia**
Autora :: **Antonia Mattos**
Colaboradores :: **Artistas criadores do projeto**
“A Guerra dos Bárbaros e a Árvore Encantada da Jurema”
Capa, projeto gráfico e diagramação :: **Sato do Brasil**
Coordenação editorial, preparação e revisão do texto ::
Alexandre Krug
Edição :: **Cia São Jorge de Variedades**

Esta edição contempla o roteiro original, escrito em 2022 a partir da pesquisa dos artistas criadores durante a montagem do espetáculo **FESTA DOS BÁRBAROS**, bem como incorpora elementos reescritos e criados posteriormente em ensaios e apresentações até 2024.

*Ofereço esse Ebó de palavras
A Exu
Às crianças
Ao Caboclo das Sete Encruzilhadas
Aos 400 Paiacus e todos os Tapuias
À Mestra Maria do Bagaço do Alto da Bela Vista, ao Mestre Cibamba
Rei dos Bêbados, à Senhora de muitos nomes
Ao Bem-te-vi
Ao Marinheiro do Rio das Cobras que me abriu o caminho das águas
Aos Incendiários que abriram pra mim o encanto do fogo
Às três irmãs mestras pela confiança e irmandade
A todas as Bastianas*

Nosso canto é pro céu não cair...

PERSONAGENS

Mestres inventados, criados a partir das narrativas tradicionais do Catimbó:

**ACÁCIA TOMBADINHA
CABOCLO COBRA CORAL
COBRINHA
CATIMBÓ
CIGANA JACYRA
GUAÇUTONGA
MALIA FACADA
MAJOR SAULO
MARIPOSA
MARIA DA FOLHA
MANÉ LIGEIRO “CIGANO LIGEIRINHO”
MANÉ PINTO BOIJI BUÁ
MARINHEIRO ALMIRANTE PIOLO JOÃO DO FIFO
MENINO
MENSAGEIRO DENDÊ
MESTRA ROSALI
MESTRA SEM NOME
NEGA BINA CALCANHAR DE FRIGIDEIRA
POETA
TIÃO DO LAÇO
ZÉ DA QUEBRADA / MALUNGUINHO**

CENA 0 :: QUEM TÁ DE RONDA

(Toda a trupe se reúne para saudar a força ancestral e pedir proteção. Todos cantam:)

MÚSICA :: SÃO JORGE DE RONDA

*Quem tá de ronda é São Jorge
Deixa São Jorge rondar
(2x)*

*São Jorge é guerreiro
Que dança na terra
Que dança no mar
(2x)*

*Saravá meu pai
(2x)*

*Girar é bom
Girar é bom
Girar é bom
É bom girar (2x)*

CENA 1 :: PRÓLOGO EM(CANTO) – A BARRA DO CATIMBÓ

CORO DOS PERSEGUIDOS

(Espalhado pela praça.) A banda inicia, apenas instrumental. O CORO vagueia pelo espaço, improvisando interações com o público. Após um tempo, o POETA inicia a narração, cantando:

MÚSICA :: BARRA DO CATIMBÓ

CORIFEU POETA

*Numa noite de verão como outra qualquer
No cantão da cidade
Onde se juntam marginais e prostitutas
De repente
A polícia apareceu*

CORO

Batida geral

CORIFEU POETA

*Soldados com cães adestrados
Investigadores com armas pesadas
Metiam metralhadoras no peito
De homens e mulheres assustadas*

CORO

Soldados com cães adestrados

CHEFE DE POLÍCIA

*Todos de focinho na parede
E mão na nuca
Quem ciscar leva bala
Sem piedade, sem dó*

CORIFEU POETA

O único que não obedeceu foi Catimbó

CATIMBÓ

*Em mim nenhum rato bota a pata
Na quebrada
Nunca ando só
Em mim nenhum rato bota a pata
Na quebrada sou Catimbó*

CHEFE DE POLÍCIA

*Deixa de onda, deixa disso
Eu te conheço
Já te vi por aí
Não complica meu serviço
Fica com os outros
É melhor pra ti*

CORIFEU POETA

*Mas antes que o policial pudesse se defender
Catimbó derrubou o sujeito
Os soldados avançaram
Ele distribuiu soco pontapé e uma bala
Bem no meio do peito*

CORO

Corre!!!

CORIFEU POETA

*Catimbó fugiu, ganhou distância
Dobrou a esquina sem vacilar*

CORO

*Catimbó fugiu, ganhou distância
Sumiu com toda polícia no seu calcanhar
Sumiu com toda polícia no seu calcanhar
Sumiu*

CORIFEU POETA

*A polícia revistou o bairro de ponta a ponta
Catimbó tinha a cabeça feita no terreiro de Mãe Begum
Benzeu
Fechou seu corpo
Contra ferro, fumo e fogo*

CORO

*Benzeu
Fechou seu corpo
Contra ferro, fumo e fogo
Contra ferro, fumo e fogo
Contra ferro*

CORIFEU POETA

Naquela noite Catimbó entrou no cortiço de Nega Bina Calcanhar de Frigideira

CATIMBÓ

Oh Nega! Nega Bina!!

NEGA BINA

Bora Nego! Vambora!!

CORIFEU POETA

*Nega Bina pegou Catimbó pelo braço
Pularam cerca, pularam muro
Sumiram sem deixar nenhum rastro
Por todos os estreitos, escamosos,
Esquisitos caminhos do roçado do bom Deus*

CORO

*Por todos os estreitos, escamosos, esquisitos caminhos do roçado do bom Deus
O assunto era um só*

CORO

A façanha de Catimbó

NEGA BINA

Matador de polícia

CORIFEU POETA

*Catimbó e Nega Bina
Sem destino, sem descanso
Bateram perna*

CORO

*Não comiam
Não bebiam
Não dormiam*

CORIFEU POETA

*Já não dava pra raciocinar
Caminharam sete noites
Sete dias
Se embrenharam pela mata
Sem saber onde iam chegar*

CATIMBÓ E BINA

*Que mata é essa
Que nela eu vou entrar
Que nela eu vou entrar
Junto com os “cabocolinho”
(CORO responde.)*

CORO (2x)

*É de Reis Malunguinho tire
O estrepe do caminho
Pro seu povo poder passar*

CORIFEU POETA

*Até que no entardecer do sétimo dia
Catimbó e Nega Bina
Descansaram num regato de água cristalina*

*Contemplaram o lugar
Que era bonito de olhar*

*Exausto, Catimbó deitou ao lado de Nega Bina
Que permaneceu de pé
Olhando tudo ao redor
Até seus olhos se fixarem no horizonte*

*Nega Bina Calcanhar de Frigideira
Chorou por uma hora inteira
Uma estranha força lhe brotou na alma
E ela berrou em direção aos céus:*

NEGA BINA

*Matei e morri mil vezes (2x)
Morri de fome, frio e sede (CORO responde.)
Morri de ver minha gente morrer (CORO responde.)*

CATIMBÓ

*Valei-me Malunguinho, meu guia!
Valei-me São Jorge!
Meu guardião!
Que montado em seu cavalo zela por todo o seu povo
Povo humilde, povo de fé!
Mas tão inconsequente em seus destinos, meu pai!
Olha pra mim, veja o que me tornei
Desde pequeno eu caminho por essas estradas do mundaréu
E só o que encontrei foi raiva, ódio e rancor
Guerra!
Pra mim, o tempo todo guerra!
Mas que o brilho da ponta da sua lança possa nos guiar
E que a luz divina que reflete no seu escudo
Possa ofuscar toda desigualdade, injustiça e miséria enraizada em nosso ser
E se assim nos permitir, ó meu santo padroeiro
Aqui nesse pedaço de chão, nessa terra de oxalá
Aqui faremos morada e criaremos nossas filhas e filhos
Com paz e tranquilidade
Coragem e valentia, que é de sua valia!
Ó cavaleiro da esperança, São Jorge
Dono de nossa c'roa!
Ogum! Ogumhê!*

CORO

Ogunhê!

CATIMBÓ

Nega Bina

Tu és uma mulher

De coragem e de fé

Por isso eu te juro

Se Malunguinho nos der permissão

Nesse pedaço de terra

Vamos erguer nosso mundão

NEGA BINA

Aqui será fundada

A Barra do Catimbó!!

CORO

A Barra do Catimbó!!

CENA 2 :: MINHA TRUNQUEIRA SAGRADA AONDE EU PEÇO SOCORRO

(MESTRE MALUNGUINHO, grande guardião dos perseguidos, surge atendendo ao clamor com a chave na mão, um corredor se forma. MALUNGUINHO vai abrir as portas da cidade sagrada, para que possamos passar pelas cidades do reino sagrado da Barra do Catimbó. Súplica a MALUNGUINHO:)

CANTO A MALUNGUINHO I

CORO

Malunguinho Malunguinho

Mensageiro de três mundos

Lá na mata ele é caboclo

Na Jurema ele é bom mestre

Na encruza é guardião

Pra ajudar a quem merece

CANTO MALUNGUINHO II

CORO

*Mas ele é Preto, ele é bem pretinho
Salve a coroa de Reis Malunguinho (2x)*

*Sobô nirê
Sobô nirê mafá
Sobô nirê mafá Malunguinho sobô
Me corra, me corra
Me corra Malunguinho
Vai levando os contrário e abrindo os caminhos*

CANTO A MALUNGUINHO III

MESTRA SEM NOME

*Mestre Malunguinho
Ai eu nao suporto mais
É tanta sujeira
É tanta poeira ai ai ai
Espalhando meus caminhos
O que é feitiço se espalhou
Até o caminho do amor
Desenlinha Malunguinho*

CANTO MALUNGUINHO IV

CORO

*Nosso amigo fiel
Viemo aqui pra te saudar
Abre as portas da cidade
Pra nós poder passar*

MALUNGUINHO

*Abre-te cidade
Que se abram portões e varandas reais!!!*

MALUNGUINHO dá a chave. CORO forma a CANINANA (Cobra Exu Caninana que conduzirá o público pela cidade).

CENA 3 :: CORTEJO DA ÚLTIMA MALOCA DO FIM DO MUNDO - CORO DAS ONÇAS NA CIDADE

(Trânsito para a Cidade Sagrada. Cortejo com tambores e sopros. No trajeto, lambes com trechos da obra A ÚLTIMA MALOCA DO FIM DO MUNDO, de Denilson Baniwa.

Imagens inspiradas na performance PAJÉ ONÇA, do mesmo artista.

(CANINANA conduz o público. Todos cantam: “É Caninana!”.)

CENA 4 :: APARIÇÃO - CORO DE VIRAMUNDOS NA ENCRUZILHADA

(Numa encruzilhada da trajetória várias figuras surgem de lugares diferentes com seus enormes chapéus de palha, param formando uma imagem onde todos olham numa direção.)

CENA 5 :: AFIRMAÇÃO DO PONTO

Mestres trunqueiros/porteiros/chaveiros guardam o portal-arco de entrada, esperam enquanto o público é conduzido pela CANINANA. Quando a CANINANA chega ao portal, todos param e o público é recebido pelos Trunqueiros: ZÉ QUEBRADA, MALIA FACADA, MENSAGEIRO e MENINO.

CANTO DE FIRMAÇÃO DO PONTO

GUAÇATONGA e MESTRA SEM NOME (também no Portal:)

Agô ile agô, agô ile agô, agô ilê, agô Jurema.

Firmei meu ponto no caminho, firmei no caminho, firmei meu ponto, agô Jurema!!

(Os adereços da cobra CANINANA são colocados ao pé do portal.)

MALIA FACADA (Improvisa com o público:)

Bom dia pra quem é de bom dia. Boa tarde para quem é de boa tarde. Vocês estão prestes a adentrar esse espaço sagrado, então eu gostaria de dar alguns avisos, principalmente pra senhora e pro senhor aí. Não precisa ficar prestando atenção em tudo. Pode até mexer no celular, é até aconselhável. Não fica querendo saber tudo, que você não vai conseguir. É impossível! Tenta ver isso que nós vamos fazer com esse outro lugar aqui (aponta para o espaço em torno do corpo, nosso campo energético).

Pode conversar, levantar, pode fumar, vai ali na barraquinha, come uma coisinha... Outra coisa: sabe que horas são? (Malia olha um dos seus vários relógios.) São horas da senhora aí parar de se preocupar com o que os outros pensam e fazer as coisas que você tem que fazer. Eu vou cantar e vocês respondem!

CANTO DE FIRMAÇÃO DO PONTO II

MALIA FACADA e o CORO

Quem vem lá

Quem vem lá

Vem na paz ou vem pra guerrear

Se for de paz, porta aberta está

Se for de guerra, a trunqueira tá aqui pra te empatar

(Indica ela mesma, ZÉ QUEBRADA, MENSAGEIRO e MENINO.)

(MENINO corre com a chave na mão por entre o público e se junta de volta ao CORO durante a toada. Toca o apito. Todos cruzam o portal e entram no espaço. Ao cruzar os portões, intérpretes passam a trazer aspectos do seu duplo encantado, seu mestre/mestra. Também serão CORO DOS BÁRBAROS e CORO DAS ONÇAS.)

CENA 6 :: CIDADE SAGRADA DO REINO DA BARRA DO CATIMBÓ

(Ao adentrar no espaço ao som da música NEGA BINA e CATIMBÓ recebem e organizam as pessoas, como anfitriões. Todo o CORO recepciona o público, oferece água em moringas, alguma bebida que lembre o vinho da jurema, talvez suco de uva, ou cachaça, fala das barracas de comida, indica a mesa e os bancos. Sons de pífanos e apitos. Aos poucos, intérpretes vão se juntando novamente a um sinal de apito e sino. Quando todos se acomodam, a música cessa. Durante todo o espetáculo, mesmo quando alguém tem a palavra, ou durante as cenas, mestres e integrantes do CORO bebem, fumam cachimbo, interagem e conversam livremente com o público, como numa Festa de verdade.)

CATIMBÓ

Tá bacana!! Boa tarde, meu povo! Tá bacana ou não tá? Salve nossas forças! Já chegaram na Festa sentando, olha só, Nega. Tão achando que aqui é bingo, é?

NEGA BINA (Improvizando falas sobre os parceiros presentes em cada apresentação que estarão nas barracas que vão compor a festa:)

Deixa eles ficarem à vontade, Nego. Salve minha gente, se acheque. Aqui é uma festa e como toda festa tem comes e bebes, deixa eu apresentar os nossos parceiros, que sem eles a Festa não acontece. (Apresenta as barraquinhas com comidas etc.) Dona Vera, o sorriso negro mais lindo que vocês vão ver, ela e o Seu Luís, com quitutes que são uma delícia, salve! (Segue improvisando sobre os parceiros presentes em cada apresentação que estarão nas barracas que vão compor a festa.) E o bigode mais charmoso da Santa Cecília? Tá ali o Seu Josias, pipoqueiro, alegrando a nossa Festa. E Seu Miguel Arcanjo? Patrimônio material e imaterial da Barra Funda e da São Jorge, o único barbeiro com DRT que vocês vão conhecer, tá ali, cortando cabelo pra quem quiser. Palmas pra ele!

CATIMBÓ

E não podemos deixar de saudar aqueles que vem na frente! Abrindo os caminhos, saudando as porteiras. Salve nossa Trunqueira! Salve esse povo da rua! (Vai apresentando os Trunqueiros.) Eu quero apresentar pra vocês: MENINO, mistério no apito, sempre muito bonito, salve!

NEGA BINA e CORO

Salve Menino!

CATIMBÓ

E ela, que deve ser sempre muito respeitada. Malia Facada!! Cuidado com ela. Só toma na cuia dela, quem tem juízo.

NEGA BINA e CORO

Salve Dona Malia!

CATIMBÓ

Salve Mensageiro!!!! Seu Mensageiro venha aqui e se apresente, fale de seu ofício.

(Mestre Mensageiro Dendê improvisa fala sobre as músicas e mensagens que podem ser pedidas pra ele durante a festa.)

MENSAGEIRO DENDÊ

Gente, hoje estou mandando mensagem, é só me chamar na Festa e falar comigo. Mando recado, mensagem de amor, prestação de contas, correio elegante... Pode ser pra qualquer pessoa, viva, morta ou semi-morta. E no intervalo, quem quiser pode me pedir música pra animar a Festa. Salve!

CATIMBÓ

Salve Mestre Dendê, é o dono da nossa tecnologia ancestral de comunicação. E olha quem tá ali na nossa porteira. Salve seu Zé Quebrada!

NEGA BINA e CORO

Salve!

CATIMBÓ

Conhecedor de mais de mil causos da madrugada. E essa é nossa Trunqueira sagrada, guardiões dos nossos caminhos! Agora com tudo saravado vamos começar nossa Festa!

NEGA BINA

Vamos!!! Meu unico conselho é: se assanhem, porque aqui na nossa guerra, se dança! Bora, Nego?

CATIMBO, NEGA BINA e CORO

Okê, Cidade!

(Sons de apito e sino, MENINO pode dar esse sinal.)

MARIPOSA

Vimos da última maloca antes do fim do mundo
Nosso canto é pro céu não cair...

(CORO DOS BÁRBAROS, atores e atrizes com suas personas de mestres e mestras, mas ainda não totalmente paramentados, sem chapéu, por exemplo (exceto MALIA FACADA, MENSAGEIRO, MESTRE QUEBRADA e MENINO - os Ttrunqueiros já apresentados, as primeiras entidades-personas a chegar completamente no terreiro), canta:)

CANÇÃO DE ABERTURA :: ANDA O SOL, ANDA A LUA

Cobra Coral, Maria da Folha, Mariposa e Poeta

Anda o sol, anda a lua

As estrelas do firmamento

Nossa viagem começa agora

Pelas horas desse velho tempo (CORO repete)

MARIA DA FOLHA

Olha só gente, debaixo de vossos pés, nesse exato momento, está passando rio Anhanguera.

(O nome do rio vai variar conforme o local da apresentação, dizendo-se sempre o nome de um rio que passe próximo).

Ouçam os seus rumores, de muitos tempos, de tantas memórias e desmemórias!

COBRA CORAL

Dá licença de eu alembrá
Antes do palacete assobradado (MARIA DA FOLHA cita: “Saudosa maloca...”)
Toda uma gente foi esquecida e lançada à perseguição
Aqui mesmo nesse chão, antes da invasão
Existia uma mata sagrada.

MARIA DA FOLHA e CORO

(dizem simultaneamente vários nomes de árvore, até TODOS dizerem juntos “Jurema”:))

Angelim, Castanheira, Itaúba, Jucá, Peroba, Jatobá, Jacarandá, Acaiaca, Imbuia, Andiroba, Jacareúba, Ipê, Jequitibá, Maçaranduba... JUREMA!

COBRA CORAL, MARIA DA FOLHA E POETA

*Salve os Deuses , salve o tempo
Salve as horas que são essas!*

CORO

*Curandeira, curandeiro
Salve cacique, caboclo, mestra*

COBRA CORAL, MARIA DA FOLHA E POETA

*Dai saúde pros parentes
Espalhados no Brasil inteiro*

CORO

*Pai Tupã, Mãe Tamain
Vem nos guiar por esse terreiro*

COBRA CORAL, MARIA DA FOLHA E POETA

*Salve as Folhas , salve o tronco
Salve a casca e a raiz*

CORO

*Eu carrego alegria
Não sou eu que falo
É Jurema quem diz*

CORO

*Anda o sol, anda a lua
As estrelas do firmamento
Nossa viagem começa agora
Pelas horas desse velho tempo*

NEGA BINA

Confraria malunga!

CIGANA JACYRA

Quizomba, Quicongo

MESTRA ROSALI

Mandinga, Kabinda

CATIMBÓ

Luanda, Benguela, Zaire, Catucá,
Pequena África Malungá!

MARIA DA FOLHA

Enquanto houver floresta de pé
O fascismo tá no chão!!!!
(CORO responde)

COBRA CORAL

A ema vai segurar o céu!!!!

CATIMBÓ

E nós vamos desviar da batida cruel!

BINA

Ajuremando a vida com a esperteza!

COBRA CORAL, MARIA DA FOLHA E POETA

Sou Jurema, sou Acaís
Sou Alhandra, sou Jardecília

CORO

Mãe dos donos dessa terra
De diversas etnias

COBRA CORAL, MARIA DA FOLHA E POETA

Sou Jurema encantada
Fujo da perseguição

CORO

Eu sou planta de magia
Sobrevivo a má estação

COBRA CORAL, MARIA DA FOLHA E POETA

*Fui cortada , machucada
Fui sangrada com violência*

CORO

*Jurema é um pau encantado
Jurema é um pau de ciência*

COBRA CORAL, MARIA DA FOLHA, POETA e CORO

*Ôôô estrela guia
Tá chorando sem parar
Tomaram nossas terras
Fizeram tanta guerra
Aê, tambor vem me ajudar*

*Ôôô estrela guia
Tá chorando sem parar
Queimaram meu barraco
Meu coração tá fraco
Aê, tambor vem me ajudar
Tambor vem me ajudar
Tambor ...*

MALIA FACADA (Ouvindo o pifo do MESTRE ALMIRANTE.)

*Uirapuru cantou na gruta!
Somos de paz ou somos de luta?*

CORO

Somos de luta!

MENINO

*Somos a gargalhada zombeteira
Marafando palavras de desassossego!
7 farofas, 7 malocas e 7 encruzilhadas!*

CORO

7 farofas, 7 malocas e 7 encruzilhadas!

MENINO E MALIA FACADA

Reis Canindé, atire sua flecha pra desassombrar o mundo do medo!

COBRA CORAL, MARIA DA FOLHA E POETA

*Uma espada me conduz
Ela tem destino certo
A Jurema eu vim trazer
Debaixo do céu aberto*

CORO

*Corre, corre meu São Jorge
Meu recado eu vos falo
Vai levar essa mensagem
Montado no seu cavalo*

CENA 7 :: PISADA DE ENCANTO E CABOCLARIA

(CORO paramenta MARIA DA FOLHA e COBRA CORAL.
Sons de apito. MENINO e COBRINHA brincam de galopar.)

MENINO

Salve o povo Xucuru, na cumeeira da serra Ororubá!

COBRINHA

Salve!

MENINO

Salve o Cacique Xicão!

COBRINHA

Salveee!

MENINO

Salve Cobrinha!

COBRINHA

Salveee!

MENINO

Quem tem pisada, sustente a caboclada.

CANTO DE CHAMADA DE CABOCLO

(MENINO, em seguida também COBRA CORAL, que chega no terreiro:)

MENINO E COBRA CORAL

*Caboclaria onde tu andava
Eu firmei meu ponto
Mandei lhe chamar*

*Vem caboclaria
Trabalhar nessa Jurema
Vem caboclaria
Vem comigo trabalhar*

(Início da gira de caboclaria. Apresentação de encantados caboclos e da Jurema. MALIA FACADA invoca MARIA DA FOLHA.)

CANTO DA MARIA DA FOLHA

MALIA FACADA

*Ela mora no muçambé de três folhas
Ela serpenteia
Saravá Maria da Folha
Que chegou na nossa aldeia*

(CORO dá salves à MARIA DA FOLHA. COBRA CORAL se apresenta.)

COBRA CORAL

Salve Maria da Folha, salve suas forças. Com sua licença, minha Mãe, eu trago as forças e os ventos do Norte para essa encantaria. Okê!!

CANÇÃO DO COBRA CORAL DO CASTANHAL

COBRA CORAL e CORO

*A benção minha mãe
Protetora do lugar
Vim trazer esse caboclo
Cobra Coral nesse congá*
(CORO responde)

Êh! Jibóia
Chegou Cobra Coral
(CORO responde)

Ele vem trazendo a flecha
Ele vem do castanhal
Com as folhas da Jurema
Espantando todo mal
(CORO responde)

Filhos juremeiros
Salve seu Cobra Coral
Ele é mago, feiticeiro
Guerreiro, benzedor

Ele vem do clã de Oxóssi
Nosso mestre caçador
(CORO responde)

Êh! Jibóia
Chegou Cobra Coral
(CORO responde)

(CORO dá salves ao COBRA CORAL. MARIA DA FOLHA e COBRA CORAL saem em direção ao público ou às barracas. Cumprimentam as pessoas. Em seguida MALIA FACADA improvisa com o público, preparando o canto para o Caboclo Seu Sete Estrelas.)

MALIA FACADA

Agora, em homenagem aos nossos ancestrais, eu peço que vocês me acompanhem:

CANÇÃO DO CABOCLO SEU SETE ESTRELAS

MALIA FACADA e CORO

Seu sete estrelas meu pai, eu não sei ler (CORO responde)
Dá a cartilha que eu também quero aprender (CORO responde)
Oeoá oeoí cacique fala na língua do guarani (CORO responde)

Lembrando que o Jaraguá é...

CORO

Guarani!

NEGA BINA E CATIMBÓ

(Enquanto pitam de um cachimbo ou um cigarro.) Sejam todos muito bem vindos! Tá tudo mundo bem? Estão bem servidos? Estamos aqui nessa reunião da mestria, somos viventes que nos passamos e nos encantamos no Catimbó. Vocês tem medo de morrer? Ei, você? Tem medo da morrer? Não sei se vocês sabem, mas aqui todos estamos mortos. Sim, nós morremos e voltamos pra trabalhar! Na verdade, ninguém aqui conhece a morte. Para nós, o que existe é o desencarne, que nada mais é do que o nascer para os Encantados. Quem não se encanta com as coisas só sabe acabar com elas. (O CORO repete esta frase.) Os mundos existem dessa forma, uns vivem apenas dias, outros semanas, outros alguns anos, outros morrem e voltam pra trabalhar, como nós. Ou tem aqueles ainda como a Mariposa, que existe apenas no espaço de 24 horas.

MARIPOSA

Com licença, como eu fui citada, gostaria de interromper e dizer que nós aqui estamos vivas há duas semanas, eu e ela, e ela... (aponta para o CORO DE MARIPOSINHAS) 24 horas são as borboletas. Portanto existem mariposas que, dependendo da espécie, conseguem sustentar a vida por até duas semanas.

NEGA BINA E CATIMBÓ

Dona Mariposa vem para nos mostrar que a vida é curta e pode ser cruel!! Mas a verdadeira morte é o esquecimento. Por isso, vamos celebrar a vida e a morte, meu povo!

(Encantada, MARIPOSA se apresenta, junto com seu CORO DE MARIPOSINHAS.)

MARIPOSA

Eu saúdo a morte!

A morte é uma porta, serena e doce.

Eu saúdo as horas mortas da noite!

Pois é por elas que o dia vem

É nelas que as mariposinhas gostam de chegar

Mas não se assustem!

Nós trazemos mensagens da terra dos ancestrais

Comigo as almas dos mortos vêm passear sobre a terra!

(Falando com as pessoas na platéia:)

Você eu já vi morrer várias vezes. Já te vi morrer de satisfação, na praia com os amigos, velhinha, rindo de uma piada. Mas também já te vi morrer de outras maneiras, terríveis... Já você eu vi morrer e nascer de novo, você nem lembra né... (Improvisos sobre ter visto morrer e nascer pessoas do público ou do elenco).

Dona Bina, já vi senhora morrer desse cigarro que a senhora fuma. E já vi também a senhora morrer de aniquilação. A senhora lembra de mim, porque me olhou nos olhos antes do último suspiro.

CANTO DA MARIPOSA

MARIPOSA e CORO DAS MARIPOSINHAS

*Eu sou a Dona Mariposa
Venho pousando no terreiro
Embaixo das asas trago
O pó do conhecimento
Eu sou a Dona Mariposa
Venho pousando devagar
Pra não assustar a verdade
Que eu vim pra revelar*

*Eu sou mariposa e só vivo um dia
E já vou morrendo pra amanhã outra sina
E já nasço de novo em outra moradia
Eu não tenho morada além da pura alegria
Já entrei na cabeça de muita gente má
Elas sabem que nunca vão poder descansar
Já entrei na cabeça de muita gente boa
Quando morre flutua e já vira garoa
Eu conheço a morte pra vocês ela é susto
Mas eu morro com gosto, aproveito os segundos
Quem tem medo de mim, deve ir se tratar
Quem não deve não teme, eu só faço escutar*

*Eu sou a Dona Mariposa
Venho pousando no terreiro
Embaixo das asas trago
O pó do conhecimento
Eu sou a Dona Mariposa
Venho pousando devagar
Pra não assustar a verdade
Que eu vim pra revelar*

MARIPOSA e CORO DAS MARIPOSINHAS

Tava eu voando e, de repente, o vento se agitou, zuumm, zuumm. Uma flecha passou rente, fiiiiuuuuuuu, e me levou.

CANTO CABOCLO CANINDÉ

MENINO e CORO (Responsivo.)

Caboclo caboclo caboclo Canindé

Quem tá morto tá deitado

Quem tá vivo tá de pé.

(MARIPOSA vai brincando de vivo-morto, todos vão caindo e levantando, até que todos, público e elenco, permanecem no chão, como mortos. Primeira imagem de corpos tombados. MARIPOSA começa a contar os mortos.)

MARIPOSA

Mortos, tombados. Mais de quatrocentos Paiacus. Tava eu pousada numa cuia paiacu, estávamos nós, ali na beira do rio Jaguaribe, na Barra Funda do Catimbó, no Jaguaribe Tietê, aqui na Santa Cecília, na rua Jaguaribe. A cuia virou num movimento brusco. E eu vi tanto pé, tanta pegada e depois vi corpos inteiros no chão. Em pé poucos sobraram, de flecha na mão.

(Música instrumental.)

CENA 8 :: AS ONÇAS CANTAM A GUERRA

CANTO DE GUERRA I :: O CANTO DAS ONÇAS

(Texto ora cantado, ora falado em solos. Em sublinhado, as partes faladas em coro por todas mulheres-onças. As outras partes, sempre por apenas uma delas.)

CORO DAS ONÇAS

O Vento Aracati toca meu corpo.

Esse vento que é tantas coisas para toda uma gente que nasceu nos caminhos pelos quais ele passa, tanta coisa para quem mora na rota aberta por seu mais fiel companheiro:

O Rio Jaguaribe.

Na beira do Jaguaribe escuto uma música...

É música de guerra, lamentos estilhaçados, destruição.

Os seres que emitiam aqueles sons eram as onças que também foram varridas do vale.

Assim como os habitantes naturais dessa terra, as onças foram consideradas inimigas e contra elas se travou também a Guerra dos Bárbaros.

Isso aconteceu em algum dia ontem, ou vai acontecer amanhã. Tudo que acontece segue sempre acontecendo, tudo que acontece segue sempre acontecendo, tudo que acontece segue sempre acontecendo ... E naquele canto das onças se podia ouvir tudo novamente.

Sabemos pouco, muito pouco, sabemos muito sobre essas histórias de tempos tão antigos. Esse canto de melodias que anunciam a intolerância que conhecemos hoje. Mas elas sempre aparecem nos escombros das memórias daqueles parentes. Nas histórias contadas, na imaginação, nos delírios alcoólicos, nos sonhos ou na febre.

DE ONDE VIEMOS? – era essa a pergunta que os uivos do canto das onças insistiam em nos fazer. Era noite, sempre à noite que se podia escutar.

Na antiga estrada da vila do Aracati a Icó, a arcaica capital do couro, aconteceram coisas de que Deus duvida e de que o diabo esqueceu, MAS AS ONÇAS NÃO. AS ONÇAS DO JAGUARIBE CANTAM O RIO, O VENTO, O SILÊNCIO E O MASSACRE DE UMA GUERRA ESQUECIDA. JAMAIS ESQUECIDA.

(Ao longo da narrativa, as mulheres vão ganhando aspectos do animal. Os homens vão trazendo a imagem de corpos tombados pelo espaço. Aos poucos todos corpos estão tombados. Segunda imagem de corpos tombados.)

CENA 9 - ABERTURA DOS MESTRES

CANTO DE COSME E DAMIÃO

MENINO e COBRINHA

Oh meu irmão

Oh irmão meu

Cadê o meu irmão

Que não vem brincar mais eu?

(CORO responde)

Cosme e Damião

A sua casa cheira

Cheira a cravo cheira a rosa

Cheira flor de laranjeira

(CORO responde)

Doum Doum
Mas cadê meu irmão?
(CORO responde)

[Durante a música, BINA e CATIMBÓ entregam os chapéus de cada mestre. Os homens que estão deitados no cruzeiro (cenário), recebem seus chapéus, e os levantam num movimento de dança com as mãos, aos poucos vão se erguendo, até que todos, num movimento coletivo, colocam os chapéus ao mesmo tempo, montando a figura, simbolizando a chegada dos mestres no terreiro.]

MENINO

Epa mano meu!
(Chamando os mestres em torno do cruzeiro.)

[Aos poucos todos vão se paramentando, colocam o chapéu, montam a figura. No fim da música os mestres se espalham, alguns cumprimentam as pessoas, outros dão consulta. Alguns mestres se apresentam.]

(Malia canta ao Mestre Coquinho.)

CANTO AO MESTRE COQUINHO

MALIA FACADA

Oh meu coquinho vermelho
Oh meu coquinho da praia
Na casa que coquinho arreia
Catimbozeiro trabalha. (Repete algumas vezes)

MALIA FACADA

Salve os mestres!

MESTRE CATIMBÓ

Bora trabalhar meus parentes!
Tá bacana ou não tá bacana, meu povo? Tá bacana!
Eu quero ver esses mestres rodar no meio do terreiro.
Eu quero ver esses mestres trabalhar, que a minha alegria é essa aqui minha gente.
Eu me encantei na Jurema e na Encantaria!
Salve os Mestres! Salve o povo Encantado!

CORO

Salve!

MESTRE CATIMBÓ

(Ao público) E olha, vocês não se acanhem, porque esse povo do chapéu grande, esse povo que faz morada debaixo do chapéu, eles tem muita sabedoria na aba. Eles vieram pra trabalhar viu?! Eles tiram quizila, ziquizira, perrengue, qualquer arrependimento. Chamem eles pra trabalhar.

Eu também vim pra trabalhar

Porque eu vim da casca da emburana,

Nóis saímos é no romper da aurora, somos gente de outro tempo.

Vestimos até casaca de cobra!!!

(Mestre Catimbó se apresenta.)

CANTO DO MESTRE CATIMBÓ

MESTRE CATIMBÓ e CORO (responsivo)

Ô minha gente

Eu sou Nego Catimbó

[Ô minha gente, ele é o Nego Catimbó]

Faço trilha de fumaça

Minha flecha é uma só

[Faz trilha de fumaça, sua flecha é uma só]

Ô minha gente

Eu sou Nego Catimbó

[Ô minha gente, ele é o Nego Catimbó]

Sou criado no terreiro

Saravo quem vem primeiro

[É criado no terreiro, saravá quem vem primeiro]

Ô minha gente

Eu sou Nego Catimbó

[Ô minha gente, ele é o Nego Catimbó]

Minha mala é um saco

Meu cadeado é um nó

[Sua mala é um saco, seu cadeado é um nó]

Ô minha gente

Eu sou Nego Catimbó

[Ô minha gente, ele é o Nego Catimbó]

Eu sou magro mas sou forte

Sou benzido por São Jorge

[É magro mas é forte, é benzido por São Jorge]

\

MESTRE CATIMBÓ

Tá bacana!!

Oh minha gente bonita!

Estamos de pé ou não estamos, mestria?

Estamos!

Porque, de Malungo pra Malungo

Não teve perseguição que nos derrubou.

Vivemos na beirada do mundo.

Já fomos presos muitas vezes!

Mas fomos presos por sermos simplesmente quem a gente é.

E quem a gente é?

CORO

Catimbozeiro!!

MESTRE CATIMBÓ

Até que um dia, uma tropa de soldados invadiu

No pé de Quatro Morros

(MESTRE MAJOR SAULO chega galopando, como quem invade a cena, com seu chicote na mão. O CORO se alvoroça, abrindo caminho e ficando de prontidão, formando uma tropa de cavalos e cavaleiros.)

CANTO DO MESTRE MAJOR SAULO

MESTRE MAJOR SAULO

Venho a galope, que sou da cavalaria

Guarneço toda a lida dessa povaria

Descaroço nó feito ponta de facão

Major Saulo chegou, com seu batalhão

CORO

Major Saulo chegou com seu batalhão (2x)

MESTRE MAJOR SAULO

A cidade é planta, a planta é minha cidade

Corro caminho, desbaraço a verdade

Mestre Soldado, é justiça, é trovão

Major Saulo chegou com meu batalhão

CORO

Major Saulo chegou com seu batalhão (2x)

MESTRE CATIMBÓ e CIGANO LIGEIRINHO ¹

Um batalhão! Um batalhão de soldados chegou invadindo o terreiro, arrombando a porta, destruindo tudo, saqueando, salivando ódio e repulsa.

(Major Saulo volta a cantar, salta, gira o chicote na mão, bate no chão, o CORO foge, cada um tenta se esconder.)

CANTIGA CATIMBOZEIRO NO MATO

MAJOR SAULO

Êh catimbozeiro no mato

Não adianta se esconder, que eu te cato.

(Canta 2 vezes, repetindo o gesto e se ajoelha. Enquanto CATIMBÓ narra, SAULO faz uma dança da perseguição, estalando o chicote, procurando os mestres escondidos.)

MESTRE CATIMBÓ

Quando eles entraram eu nem estremeci, fiquei plantado no meio do barracão esperando que viessem até mim.

¹ (Textos ditos paralelamente ao público por MENINO, enquanto CATIMBÓ e CIGANO LIGEIRINHO narram a perseguição.)

MENINO

(Na placa, em cima da janela, os dizeres “1923: Vila Maria Guimarães”.)

As terras do Acais ficavam as margens da estrada que ia pra Alhandra, que hoje é na Paraíba. Por lá viviam ancestrais encarnados em mangueiras, cipós, gameleiras, juremas. Cidade do Major do Dias, Maria do Acais, Mestre Zezinho, Mestra Maria Arcanja, Cidade de Mocinha, Mestra Tandá, Mestre Cadete, Mestra Isabel, Mestre Flósculo e Cidade de Tambaba.

Deus salve o cruzeiro dos senhores mestres da Jurema Sagrada. Dali descendiam meus parentes Arataguis que pertenciam ao povo Tabajara.

Fui seguindo o rastro de cacambu, cheiro de caxirenguengue, lâmina, machado e faca, apiei no cavalo e segui logo atrás de Malia.

Descendo um pouco mais a mesma estrada, fiz uma segunda parada, desta vez, no túmulo do Mestre Flósculo Guimarães, atrás de uma capela dedicada a São João Batista. Lá vi toda uma gente em ritual, fazendo oferendas, cantando lírios, eu dancei ao som dos tambores.

Saindo do túmulo do Flósculo, atravessei a pista, e exatamente do outro lado, agora de frente a capela, eram as terras do Acais, lá sempre tinham ainda mais oferendas à mais conhecida mestra Juremeira da cidade de Alhandra, mestra Maria do Acais, Maroca Feiticeira. Quando cheguei lá, tudo estava derrubado. O lugar devastado por uma motosserra e todas as Juremas e arvores sagradas foram cortadas!!!

CIGANO LIGEIRINHO

Eles diziam que a partir de hoje estava declarado o fechamento de todos templos onde se exercessem cultos de origem indígena e africana que não tivessem regulamentados judicialmente de acordo com a lei... tereteté etc e tal. Foi uma verdadeira perseguição aos terreiros!

MAJOR SAULO (Encarando Catimbó, que devolve o olhar.)

Êh catimbozeiro no mato

Não adianta se esconder, que eu te cato.

MESTRE CATIMBÓ

Minha respiração foi ficando mais pesada, virei bicho e de um uivo que soltei... caiu um raio na entrada, apavorando todos os cavalos e derrubando um por um de cima dos pangarés. (MAJOR SAULO cai ao chão, sem entender). O que era ódio, se transformou em medo. Saíram em um pinote só, gritando:

MAJOR SAULO e CORO (Fazendo que fogem e se desesperam).

“É Macumba! Foge que é macumba! É macumba!”

MAJOR SAULO (Retomando a palavra, se apresentando:)

Saulo é meu nome, major minha patente.

Não vou negar, minha gente:

Quando era vivo, despachei muito vivente...

Corta-Língua era o apelido

Da serra ao canavial, o nome mais temido

Mas foi justamente numa “batida geral!” (O CORO se assusta).

Que este soldado encontrou o seu sentido.

CANTO DA REDENÇÃO

MAJOR SAULO (Reverenciando a árvore:)

Já fui perseguidor

Mas um dia a Jurema me tomou

Em meio à destruição

A flecha da Jurema atravessou meu coração

Jurema tomou minha vida

E por ela perdi minha cabeça:

“Ah, o sr. agora é catimbozeiro?

Seu Corta-Língua Pois não

Tá aqui sua cabeça, no chão!”

(Mostra como foi decapitado.)

Mas não tem nada, minha gente
Hoje, pode tá crente: eu destravo é língua.
A palavra enrolada, a ideia embuchada
Solto pra quem quiser e livro do perigo
Pois este perseguidor
Virou também perseguido.

MESTRE CATIMBÓ

Quando me prenderam no canavial, cada pé de cana era um oficial!
Oh oh foge bicho, foge boiada! Ê boi!!

MAJOR SAULO

Home, não fale em cana... que já me dá uma sede! Cadê a chaçaça?

(MAJOR SAULO se retira procurando uma cachaça. Mestres comentam e saúdam enquanto TIÃO DO LAÇO entra:)

TIÃO DO LAÇO (Se apresenta:)

Ê boi!! Meu nome é Tião do Laço, fui vaqueiro passador durante muito tempo, carregando gado, de fora a fora pelo sertão. Nunca tive paradeiro, sempre cortei estradão. Por isso, prepare seu coração.

Vou contar que foi numa noite sem lua, era o mês de agosto. As onças tudo esturrando... Diziam que ia ter festa na aldeia dos tapuias. Esse foi o dia que perdi minha vaca Estrela.

Também foi o dia da chegada dos paulistas, a mando do governo.
Porque o sertão é a terra onde a gente pede por Deus e encontra... o Diabo.
Eu pedi a Nossa Senhora que me guiasse por aquela escuridão.

MARIPOSA

Nossa Senhora é uma mariposona...

TIÃO DO LAÇO

Pedia a ela que trouxesse de volta minha vaca Estrela.
Que se fosse pra eu morrer ali, que não fosse pela mão dos paulistas, mas que eu fosse comido pelas onças.

Foi quando eu vi os pirilampos piscando a minha volta. Quando eu botei tento, era uma mancha de vagalume. Parecia que eles estavam me indicando o caminho. Pra mim aquilo era um milagre de Nossa Senhora atendendo meus pedidos. Garrei nesse pensamento e me deixei levar, pelos vagalumes.

Eu andei. Eu andei. Eu andei foi pelo vale das sombras e da morte. Foi quando vi, nessa minha caminhada, a árvore toda iluminada, e embaixo dela, adivinha!! A minha vaca Estrela! Eu dobrei meu joelho no chão e agradei por ter de volta a minha bezerrinha, por estar vivo e pela árvore iluminada! Vem comigo!

CANTIGA DO MESTRE TIÃO DO LAÇO

CORO

Êêêêêê!!!

TIÃO DO LAÇO

*Meu nome é Tião do Laço
Vaqueiro de vocação
Nunca tive paradeiro
Sempre cortei estradão*

CORO

Êêêêêê!!!

TIÃO DO LAÇO

*Conheço muitos caminhos
Já abri muita porteira
O que tiver em desalinho
Nóis alarga as fronteira*

REFRÃO

*Mas eu não vim a passeio
Tô aqui pra trabalhar
Se tiver um aperreio
Tião do Laço Laço Laço vai ajudar*

CORO (responsivo)

*[Ele não veio a passeio]
[Tá aqui pra trabalhar]
[Se tiver um aperreio]
[Tião do Laço Laço Laço vai ajudar]*

TIÃO DO LAÇO

*Na lida levando gado
De janeiro a janeiro
Vou saudar nossa senhora*

CORO

E todo o povo juremeiro

REFRÃO

*Mas eu não vim a passeio
Tô aqui pra trabalhar
Se tiver um aperreio
Tião do Laço Laço Laço vai ajudar*

CORO (responsivo)

*[Ele não veio a passeio]
[Tá aqui pra trabalhar]
[Se tiver um aperreio]
[Tião do Laço Laço Laço vai ajudar]*

TIÃO DO LAÇO

*Pelos vagalume que me alumeia!
Pela luz da lua cheia!
Pela Jurema Sagrada!
Presto auxílio a quem vagueia
E encaminho alma penada!
Salve as almas vaqueiras!*

(TIÃO se retira, a Mestria saúda e comenta.)

CIGANO LIGEIRINHO (Tomando a palavra.)

*Salve o sol, salve a lua
Salve a estrela que me guia,
Salve os ciganos que vem com a ventania.*

COCO DO CIGANO LIGEIRINHO OU MANÉ LIGEIRO

CIGANO LIGEIRINHO e CORO

*Desde menino eu avistei
Acompanhei meu pai
Vi a morte e gostei
(CORO responde)*

*A morte sempre esteve
Presente muito perto
Foi o Mané Ligeiro
Que soube passar reto
(CORO responde)*

REFRÃO

*Roda miudinho
Roda embaixo do chapéu
Chegou Mané Ligeiro
E vem com ele Deus do céu
(CORO responde)*

OPTCHA!!! (CORO responde)

(MANÉ PINTO vem chegando lentamente e toma a palavra)

MANÉ PINTO

Salve a clarão que abre o caminho

O sabiá que canta quando chove!

Salve as ondas do Mar sagrado

O encanto das águas onde nadaram tudo meus boi brabo!

Salve o caboclo Légua, que traz a estrela vermelha brilhante na testa!

CANTO DE ENCANTARIA E MUNGANGA

MANÉ PINTO e CORO

Mané Pinto Mboiji Buá (CORO responde)

Mané Pinto Mboiji Buá (CORO responde)

(Estende um tapete sagrado, coloca-se sobre ele.)

Desceu na guma

Na cruz vermelha

(CORO responde)

Eu sou Mané Pinto Mboiji Buá.

Sou o encantado mais velho do mundo

Mas também sou boi brabo

E parto pra cima de cabra folgado.

Sou metade de Deus, e metade do Diabo.

Venho lá das bandas de Codó.

Codó, ai Codó! (CORO responde)

É das codorna que seu nome vem (2x)

(CORO responde)

MENINO

Conversa mole, Mané, conversa mole

As codorna vieram depois do nome

(CORO responde 2x)

Bota cachaça pra fervê

Bota cachaça pra fervê

Bota cachaça pra fervê

Bota cachaça

MANÉ PINTO

Enquanto a música ainda toca) Estou aqui já faz duas horas e ninguém me deu um golinho de cachaça!

(Alguém traz uma cachaça pro mestre e ambos saem de cena bebendo.

POETA chama o Intervalo cantando.)

CANTO DO INTERVALO

POETA

Agora é o intervalo da peça

É o puxadinho da festa.

Aproveita pra espairecer

Olha lá a Malia Facada

Tá toda invocada querendo beber

O Menino tá todo bonito

Soprando apito que nem zabelê

Tião do Laço Laço laça e é pra valer

Maria da Folha, ela sabe curar, ela sabe benzer

Cuidado que a Mariposa tá de olho em você

E agora minha gente vamos lá espairecer!

Durante todo o Intervalo, músicas gravadas que foram preparadas ou então pedidas na hora pelo público tocam, animando a festa. CIGANO LIGEIRINHO comanda o som, enquanto MENSAGEIRO DENDÊ ambienta ao microfone, recebe os pedidos de músicas, comenta, fala das barraquinhas, convoca a dançar etc. O público pode levantar, comer, fumar, conversar entre si e com o elenco etc. Cenas incidentais improvisadas podem ocorrer, como MALIA FACADA correndo atrás de alguém com a faca na mão etc.

CENA 10 :: ABERTURA DA GIRA DAS MESTRAS

(Mestras se apresentam.

Bina chama de volta a Mestria e o público, pede pra parar a música, enrola o rosário na mão, parece que vai benzer, não benze.)

NEGA BINA

Salve o galo preto na encruzilhada!

Salve a fumaça do cachimbo!

Save as setes cidades! Salve o rosário apressado

E o feitiço das moças da madrugada!

Bora mexer o quadril pra voltar essa gira?!

SAMBA DE RODA DA NEGA BINA

NEGA BINA e CORO (refrão.)

Ei, ei, ei, êh

Ô Dona Bina, Calcanhar de Frigideira

Turbante na cabeça

Pés descalços na ladeira

REFRÃO

Ô ei, ei, êh

Ô Dona Bina, Calcanhar de Frigideira

Tabuleiro na cabeça

Acarajé de malagueta

Ô ei, ei, êh

Ô Dona Bina, Calcanhar de Frigideira

Cordão de ouro do pescoço

Uma navalha em cada teta

Ô ei, ei, êh

Oh Dona Bina, Calcanhar de Frigideira.

Ô ei, ei, ê

ô Dona Bina.

NEGA BINA (com o CORO DAS MARIPOSINHAS ao redor)

Não sei vocês, minha gente, mas depois de rebolar assim, eu só faço uma coisa, é sentar. Eu falei pra vocês que isso aqui é um bordel, né? Posso tirar meu chapéu? Posso confiar em vocês? Pode?! Dá licença.

Eu vou contar pra vocês, como foi que eu cheguei aqui nesse bordel. Minha avó, minha bisavó e quem sabe a minha tataravó, minha mãe e eu, nascemos assim: tivemos mãe nove meses e um único dia, depois éramos entregues à Casa das Flores, o bordel da cidade de Encruzilhada, onde era pouso e parada de gente de todas as paragens. Ali a mais velha da Casa virava mãe de todas, foi assim que conheci Joana. Em troca de comida e moradia, eu e Joana, agora minha mãe, cuidávamos das meninas que ali se prostituíam. Acontecia cada coisa por ali...

Nós não tínhamos dinheiro para pagar leão de chácara, então minha mãe dizia: “no lugar de leão, eu, leoa”. E tirava homem no braço, no soco, quando via que o caldo ia entornar. Mas acontecia cada coisa por ali...

Um dia (uma das MARIPOSINHAS entra correndo e busca proteção aos pés de NEGA BINA), Mariazinha, a menina mais nova dali, de 14 anos, chegou com a cara de espanto, um olhar de horror, minha mãe correu, pegou a menina no braço e quando olhou por entre suas pernas, viu um sangue escorrendo e um cano de arma enfiado.

Quando minha mãe tirou o cano, a mão dela ficou toda alaranjada e um cheiro de ferrugem pelo ar. Mariazinha contou que, antes de enfiar o cano, ele bateu nela com muito prazer. Minha mãe, assim que ouviu, saiu com o diabo no corpo, pegou uma faca como se não fosse nada e foi até a porta do bordel. Quando chegou, no bar em frente, tava lá o sujeito maldito, comemorando o feito. Minha mãe atravessou a rua e assim que o sujeito se virou, a faca ela enfiou bem no meio do seu peito. E no final minha mãe saiu dizendo, “agora sim, macho, agora sim tá feito!” Mas homem anda em bando, em corja vingadora. Um dia, eles entraram na Casa das Flores, fazendo a maior algazarra. Minha mãe desceu pra ver o que era e, quando viu, tinha lá outro sujeito, sempre homem... assim que viram minha mãe, um tiro certo eles deram no seu peito. Eu desci para ver o que estava acontecendo e quando vi, no corredor, lá estava mãinha, Joana, das muitas que poderiam ser, estirada no chão. Quando eu olhei para cima, não tinha mais sujeito. Assim foi que se deu a minha sina, depois dessa tragédia, só quem viveu e morreu é que pode contar. Eu assumi o bordel, agora eu sozinha e tinha que tomar conta das meninas.

E como por magia, como por encanto, naquele mesmo dia a flor mais bela apareceu. (Aparece ACÁCIA TOMBADINHA.) Minha menina!

CANTO DE DONA ACÁCIA

MARIPOSA

*A flor da jurema é uma flor tão bela
Mais bela é Dona Acácia
Quando vem descendo a serra*

NEGA BINA e ACÁCIA TOMBADINHA

*No pé de jurema preta
No pé de jurema preta
Uma menina, uma estrela*

ACÁCIA TOMBADINHA

Eu era criancinha. Ele apareceu, me colocou num casco de árvore e me soltou no Rio de sangue. Fui correndo pelas águas até chegar na Casa das Flores. Elas, as meninas, me acolheram, me cuidaram, me ensinaram tudo. Gritaram:

CORO DAS MARIPOSINHAS

"Candará!"

NEGA BINA

Essa menina é selvagem!
Ela já veio com o entendimento.

ACÁCIA TOMBADINHA

Sabe nadar, Maria da Folha?
Sabe subir em árvore, Malícia ?
Quantos dentes você tem na boca, Dona Bina?
Se você quiser me encontrar, à noite é melhor.

Depois de conhecer a humanidade, Dona Bina
Suas perversidades, suas ambições.
Eu fui envelhecendo.
E perdendo as ilusões.
O que predomina é a maldade, né Dona Bina?
Porque a bondade:
Ninguém pratica.

NEGA BINA

Humanidade ambiciosa
E gananciosa
Que quer ficar rica!

ACÁCIA TOMBADINHA

Notei que o ente humano
É perverso, é tirano.

NEGA BINA

Egoísta interesseiro
Mas trata com cortesia .
Tudo é hipocrisia
São rudes, e trapaceiros.
Mas isso não vai ficar assim, não.
Enquanto houver justiça divina
Onde eu estiver, eu vou cobrar.

EU VOU FAZER HOMEM RODAR

*Ei mãe,
Espera que eu já to indo
Cada uma se findou num tiro
Tamo indo morar no infinito
Mas isso assim,
Não vai ficar!*

Vamos fazer homem rodar

Quem bateu não tem querer

Vamos fazer homem rodar

Bina quer catimbozar!

Cada uma se findou num tiro

Tamo indo morar no infinito

Mas isso assim

Vamos fazer homem rodar

Quem bateu não tem, querer

Vamos fazer homem rodar

Bina quer catimbozar!

CORO DE MULHERES: *Ô Joana!!*

CORO DE MULHERES: *Ô Joana!!*

CORO DE MULHERES: *Ô Joana!!*

CORO DE MULHERES: *Ei mãe, espera
que eu já to indo.*

CORO DE MULHERES: *Não vai ficar!*

CORO DE MULHERES: *Ô Joana!!*

CORO DE MULHERES: *Ô Joana!!*

CORO DE MULHERES: *Ô Joana!!*

CORO DE MULHERES: *Vamos fazer homem
rodar.*

Ô Joana, vamos fazer homem rodar (6x)

NEGA BINA e MARIA DA FOLHA

Homem, tome cuidado, que o que é teu já tá guardado

Homem, tome cuidado, que o que é teu já tá guardado. (2x)

TODAS

Vamos fazer homem rodar, ô Joana, vamos fazer homem rodadaar.

NEGA BINA

O recado tá dado!

(MESTRA MARIA DA FOLHA toma a palavra.)

MARIA DA FOLHA

São muitos recados nessa Barra do Catimbó.

Tudo que acontece segue sempre acontecendo.

(CORO responde)

CANTO DA MARIA DA FOLHA

MARIA DA FOLHA

*Perambulei de vila em vila
Feito uma andarila
Buscando algo que lembrasse
Minha aldeia minha família.*

Eu vivia escondida nas pedra da chapada
Mas por muitas vezes fui procurada
Pra fazer cura e benzeção.

*Foi numa noite de lua que passou a procissão
Eu com minha galha na mão
Olhava tudo de um rincão.
Eu até inchei bonito aquele povo em louvação.*

*Me aproximei como quem não tem nada
Me misturei desafinada
E o padre quando me viu
Me perguntou grosseiro:*

CORO

*Menina, o que é que tu faz
Com esse galho de umbuzeiro?*

MARIA DA FOLHA

*Todos de cara feia
Fizeram coro com a freira.*

CORO

*Essa menina é bruxa
Essa menina é feiticeira.*

MARIA DA FOLHA

*E eu fugi em disparada
Com uma raiva envenenada.*

E me abriguei atrás de uma árvore.
Adivinhe o senhor, seu Luiz (qualquer pessoa da plateia ou do elenco), que árvore que era aquela?

[CORO brinca de adivinhar, dizendo o nome várias árvores, até que alguém diz:]

PÚBLICO

Jurema!

MARIA DA FOLHA e CORO

Era Jurema sagrada, era ela, era ela. (2x)

MARIA DA FOLHA

*Com minha mira certa, jogava pedra pelas frestas
E o padre, desavisado, tomou logo uma na testa.*

Mas então chegou um homem
Três vezes maior do que eu
Com uma pedra cinco vezes maior do que minha
E ele mirava minha cabeça.

*Eu então cantei oração, que de tanto ouvir, tinha decorado.
Quem sabe eu me livrava daquele cão danado. (CORO responde)*

CANTO MÃEZINHA DO CÉU (incidental)

*Mãezinha do céu, eu não sei rezar
Eu só sei dizer: eu quero te amar*

CORO

*Azul é seu manto, branco é seu véu
Mãezinha eu quero te ver lá no céu
Mãezinha eu quero te ver lá no céu*

Volta o **CANTO DA MARIA DA FOLHA**

MARIA DA FOLHA

*Eu cantei com fé pra que ele se compadeça
Mas nada adiantou, senti um estrondo na cabeça.
A pedra veio com força, a pedra veio com vontade
Caí com a minha galha na mão no chão daquele sertão*

*Mas diz que quando eu tombei
Serpenteei,
Se deu o encanto.
E o homem saiu correndo todo cagado de espanto.*

CORO

E o homem saiu correndo todo cagado de espanto.

MARIA DA FOLHA

Um colibri de nove cores pousou na minha Jurema.

CORO

Maria serpenteou e se encantou na Borborema. (Repete várias vezes.)

(MARIA DA FOLHA sai com o coro, que forma a CANINANA, serpentando pelo espaço e convocando o público para essa dança.)

CENA 11 :: O RIO DE SANGUE E O MASSACRE

(Texto ora falado em solos, ora cantado em coro. Em sublinhado, as partes faladas em coro).

CANTO DE GUERRA II - O RIO DE SANGUE

CORO DAS ONÇAS

Na Barra

O sol despontava

Enquanto uma estrela ainda iluminava a serra, era o dia da festa.

Era festa na aldeia dos Paiacus. Visitas e festa naquele dia nascendo.

MAS O AR ESTAVA PESADO.

Olhares sedentos de guerra vinham chegando, grávidos de uma ardilosa emboscada:

PAULISTAS BANDEIRANTES, CONTRATADOS PRA POLICIAR O SERTÃO E MATAR ÍNDIO INDOMÁVEL, ÍNDIO BRAVIO.

Mas era festa! Porque ali todos eram aliados. Paiacus! Tapuias aliados ! Aliados!

Tapuias aliados! Paiacus, tapuias aliados dos paulistas!!

Mas no ar...

Muita desconfiança mútua.

Ninguém podia imaginar o futuro de dor e pranto

NÓS, AS ONÇAS DO JAGUARIBE, fugimos muitas vezes da disputa de terra.

Da violência de homens armados, daquela falsidade rasteira.

Nós, as onças vimos muita coisa ruim acontecer neste chão.

À BASE DA CRUZ, DA BALA E DA LÍNGUA.

E naquele dia...

O vento dançou uma dança de morte numa brisa violenta.
Até o cheiro do vento era diferente, *esse cheiro eu conheço bem.*
ERA CHEIRO DE SANGUE. E ERA SANGUE DE GENTE.

A sineta tocou.

Mas todos ali eram aliados. Era festa. Era uma festa.

E os paulistas bandeirantes convidados. *Aliados.*

MAS AS ALIANÇAS ... ERAM ALIANÇAS PROVISÓRIAS

A festa:

Os guerreiros vinham na frente, cantando e dançando com alegria.

As mulheres e crianças vinham em seguida, trazendo rendas e redes.

A MORTE MINUTO A MINUTO SE APROXIMANDO.

Rufos de caixa militar. Um tiro cortou o espaço.

Habilidade sórdida dos paulistas bandeirantes. Manipular povos.

Depois mais tiros. Depois sangue, gritos e correria.

MARIA DA FOLHA

Pelas frestas do balaio vi a aldeia.

Eu tinha cinco anos de idade.

Debaixo de fumaça pólvora poeira

Ouvia gritos tiros, correria e no balaio me escolhia.

CORO DAS ONÇAS

Vi o sangue dos corpos tombados descendo a ribeira.

Vi o sangue dos corpos tombados tingindo a ribeira.

(2x)

MARIA DA FOLHA

Vi o corpo da minha mãe arrastado, cheio de dor

Ela lutava em vão, tudo era revolta, horror.

O seus olhos encontram o meu no meio daquela guerra

E me olhando pela última vez, chorando sorria.

Vi o sangue dos corpos tombados descendo a ribeira.

CORO DAS ONÇAS

Vi o sangue dos corpos tombados tingindo a ribeira.

Vi o sangue dos corpos tombados descendo a ribeira.

Vi o sangue dos corpos tombados tingindo a ribeira.

Aquela comitiva macabra cobriu de pólvora a ribanceira.

O Jaguaribe das onças virou um mar encarnado.

Era fumaça, chumbo e poeira pra todo o lado.

Sussurro. Orações. Guizos. Arco. Flecha.

(O CORO se alvoroça com o perigo, todos começam a correr, fugindo em todas as direções.)

CORO

Tentaram correr (4x, em canto e resposta)

Os que tiveram tempo tentaram correr

Tentaram correr (responsivo)

Aquele povo atocaiado tentou correr pro riacho

Mulheres e crianças pra floresta, rápido!!!!!!

Mortos tombados mais de quatrocentos paiacus. (4x)

Paiacus são tapuias. Tapuias são os bárbaros. Tapuia é bárbaro!!!!

Tapuias são bárbaros segundo quem os nomeou

Segundo quem os nomeou.

Tapuias são povos diversos,

Povos ameaçados

Pela barbárie da invasão colonial

Povos atizados, comprados, forçados contra povos, povos dizimados, postos pra trabalhar pela loucura colonial.

Paiacus, tapuias mortos na beira do rio das onças

Nosso rio, Jaguaribe amado que tudo lava...

MESTRA SEM NOME

É tanta sujeira é tanta poeira ai ai...

CORO DAS ONÇAS

E isso é um só

Um curto capítulo do que se chamou

A guerra dos bárbaros.

(Surge um mapa de sangue, uma saia de sangue.)

ZÉ QUEBRADA

Crocodilagem, crocodilagem. A crueldade era desmedida.

TOMBADINHA

Eu tava no canto.

Dormindo num pé de jurema preta, ventava.

Enrolada num pano.

À minha volta muitas, rugido-vozes, todas com medo.

Silêncio, um buraco na terra.

Abri os olhos.

Candaráaaaaa!

MANÉ PINTO

Mais de 400 paiaçus mortos, tombados!
Tudo isso eu sei de orelhada.
Tufos de vozes que me vêm.
O resto é mistério.

(Para alguém do público)

“Cuidado com o que tu escolhe, meu filho.
Senão é capaz de matar a si próprio e só perceber depois.”

(Sons de tambores.)

CENA 12 :: (EN)CANTO DA KURA – BATUQUE PRA GUERREAR

CANTO ILÊ É CASA GRIÔ

MESTRA GUAÇUTONGA e CORO (responsivo)

Ilê é casa griô

Ogá i fucan belê

Guaçutonga é erva de maculelê

(Enquanto o coro está cantando, GUAÇUTONGA desce do palco e vai se encaminhando para o centro da roda. Assim que termina a música, ela inicia o texto. O CORO PRETO abre a roda grande do terreiro. MESTRA SEM NOME se desloca do palco para o terreiro e entra aos poucos com toques de jongo durante a fala de GUAÇUTONGA.)

GUAÇUTONGA

Eu sou do centro do mundo.

Sou uma velha encantada, muito antiga.

Atravessei o tempo caminhando nesse rio bravo.

Eu estou indo e voltando, sendo em torno do centro das forças.

Eu sou porque fui e re-fui antes, de tal modo que re-serei novamente.

NEGA BINA (Entrando na roda)

Dessa vida eu já me fui e não tenho medo de nada.

Todo mal que podia acontecer, aconteceu.

Eu tenho muitos nomes. Cada um deles pra uma fuga.

ROSALI (Entrando na roda) ²

Entre vida e morte, eu chego para saudar as águas do mar, as pretas velhas, os pretos velhos e todo esse juremá.

Eu sou Rosali, mas não é qualquer Rosali não, minha gente, é Rosali da Bahia! Viva Bahia! Viva o Nordeste que carrega esse Brasil nas costas. (CORO responde os vivas.)

GUAÇUTONGA

A planta fala comigo.

É ela que me diz o que tenho que fazer.

Se eu sumi no mar, se eu tombei na mata, se eu queimei na praça, meu corpo você não vai achar.

Eu não conheço a morte. O destino traçou minha sorte.

NEGA BINA

Meu destino traçou minha morte.

GUAÇUTONGA

Corri dentro do mato, voltei com um punhado de plantas na mão. Macerei erva. Chamei por meus parentes. Abalei sete cidades pra curar puta doente. Macerei, macerei e cantei:

(GUAÇUTONGA abre a roda, se vira pra MESTRA SEM NOME, e junto com NEGA BINA e ROSALI, abrem o jongo.)

² Variação para esta entrada da MESTRA ROSALI:

CANTO DA MESTRA ROSALI

Seu zoio de cururu não me botam medo não (2x)
Que eu sou uma catimbozeira que venho lá do sertão
Com meu cachimbo na boca e um punhal na minha mão

Eu vou riscando meu ponto e botando inimigo no chão
Meu nome é rosali moradeira do sertão (2x)
eu venho clareando a gira com todo batalhão
E la em casa todos bebem todos gostam de beber

E quando jogo a minha fumaça
Sustento o ponto é pra me valer
E quando jogo minha fumaça
Sustento o ponto é pra me valer

JONGO MÃE PRETA / MÃE ÁFRICA

GUAÇUTONGA, MESTRA SEM NOME, NEGA BINA e ROSALI (CORO responde)

Mãe preta, mãe preta, mãe preta

Onde é que estás agora?

Tua morada é tão longe,

É bem pertinho de angola.

Oh, Mãe África

Vem lembrar seu cativo

Ai como chora meu tabu, chora meu tambu

Como chora candongueiro, chora candongueiro.

De tanto soluçar, soluçar, soluçar

Vai molhar o meu terreiro.

(Quando o CORO começa a cantar, a roda de jongo está instaurada e cada mestra/mestre convida alguém para dançar. Também é nesse momento que entram a bacia com ervas para ‘benzer’ as pessoas e outras ações que o CORO DE MESTRIA DA CURA desenvolve, como: colocar a fogueira, trazer folhas secas, cumbucas, incensário, maracás etc. Mestres e integrantes do CORO vão se molhando, se curando com a água de ervas e espalhando a água ao público.)³

³ **Variação da cena, com textos falados pelo CORO DE MESTRIA DA CURA entre um ponto de jongo e outro:**

MARIA DA FOLHA

Não basta catar a folha, é preciso saber cantá-la.

MARIA DA FOLHA, GUAÇUTONGA e CIGANA

A gota do veneno que mata é a mesma que cura.

NEGA BINA

Se eu tô aqui, (se dirigindo ao público)

é porque você mandou chamar

No giro da minha saia

Canto e danço pra curar

Toda a demanda vou derrubar.

CORO DE MESTRIA DA CURA

Repertório de jogo com a plateia.

O remédio pode ser veneno e o veneno pode ser a cura, o bem pode ser o mal, o visível pode ser o invisível e o que não se vê pode ser a coisa mais presente, o dito pode não dizer e o não dito pode falar mais que qualquer palavra. Coragem e crueldade, ruindade e valentia, delírio e perversidade, não existiam em separado.

MENSAGEIRO DENDÊ

Salve meu povo! Bora saudar as águas do mar, saudar Iemanjá. Saudar os quilombos e as tekoas que existem no nosso Brasil! Salve as moças de saia lisa, os moços que vieram na festa! Vamo dançar, meu povo, bora festejar!

CANÇÕES DE JONGO (A MESTRIA puxa e o CORO responde)

CATIMBÓ

*Nega matuta entra na mata e mata o medo
Nego matuto entra na roda e mata o medo
Na pedra da cachoeira o machado afiou
As mãos de calo não se calam não senhor*

*Num ninho de cobra mata uma cobra só
Dois palma pisa e roda para desatar o nó
No coração da bananeira peguei flor e vê se pode
Do estralo do chicote o matuto dá o bote*

*Na nuvem cai trovão que o vento assossegou
Volta pra roda todos os filhos de Nagô
Nego matuto entra na mata e mata o medo
Nega matuta entra na roda e mata o medo*

MENSAGEIRO DENDÊ

*Nego oia a lua
Nega oia a lua
Dentro da combuca tem vespa
É mensageiro quem avisa*

CATIMBÓ

*Canta a sua luta
E faz agora pois vigiam o teu portão
Filhos da mata escura
Querem sua pele pra forrar o camburão.*

COBRA CORAL

*Caboclo toma cuidado, Caboclo olha lá
A língua que muito fala no couro é que vai pagar
Caboclo da mata virgem, me leva pro seu congá
Caboclo da mata virgem, me ajuda, me ensina a curar*

NEGA BINA

*Na fuga a fumaça me envulta.
7 sinal. 7 caminho. 7 estrelas. 7 ciência.*

CORO

7 sinal. 7 caminho. 7 estrelas. 7 ciência.

(Música vai subindo enquanto o CORO repete essa frase, até que, chegando no auge, os tambores param subitamente.)

GUAÇATONGA

Tudo isso eu vi.

(Durante os batuques e festejos, uma fogueira é acesa.)

NEGA BINA

Salve o Povo Preto!

CORO

Salve!

CIGANA JACYRA (Tomando a cena. Vem carregando um pequeno tronco preso a uma correntinha:)

Salve o Povo Preto! (2x)

(CORO responde)

E salve o Povo Cigano!

CORO

Opctha!

CIGANA JACYRA

Que festa maravilhosa, tem fogueira, vamos cantar pra essa fogueira subir!

CANTO DA FOGUEIRA

CORO

Vai acende logo essa fogueira

Pra fazer o ritual

Olha que a fumaça da jurema

Tá chamando o pessoal

(2x)

Preacas na linha de frente
Caracaxá
Quem tá de ronda é São Jorge
Deixa rondar
(2x)

Escutai a nossa batucada
Essa árvore sagrada
Ninguém há de derrubar
(2x)

CIGANA JACYRA

Minha gente, agora eu vou contar a minha história. Já vou avisando que é uma história triste. A gente precisa olhar pras histórias tristes do passado, aprender com o passado, pra consertar o futuro, não é? Venham comigo na minha história, ela começa assim... (CIGANA vai batendo palmas ao longo da roda e é imitada pelo CORO e pelo público. O CORO continua batendo palmas e dedos enquanto ela fala, em ritmo lento e aleatório, fazendo lembrar o som de um incêndio na mata.)

Um dia eu estava no meio da mata. Labaredas subiram aos céus. Vi uma fumaça, um clarão e nisso a Lua Grande me disse: “tochas se aproximarão aos poucos, machados e motosserras se infiltrarão numa marcha acelerando nessa direção”. A Lua me soprou o perigo e conhecedora da mata que eu era, me embrenhei por seus galhos e assim fugi. O murmúrio das plantas me alcançou os ouvidos. Escuta os estalos? Os motores? Ouve, ouve, ouve o som da motosserra, motores, machados, gritos, troncos e labaredas... Tem fogo na mata! Tem fogo na mata! Um lance, um golpe e a lâmina faminta sangra o tronco, que tomba (as palmas-incêndio cessam), virando toco.

Tudo isso, por quê? Porque o gado precisa de mais terra? Não precisa... E a soja, precisa de mais terra? (O CORO vai respondendo: “Não!”)
Não precisa... porque nós, nóóós... (O CORO vai respondendo: “Nós!”) permaneceremos à sombra dessa árvore encantada.

CANTO DA JACYRA

CORO

Ô ô ô ô
Cigana Jacyra chegou
Ô ô ô ô
Cigana Jacyra chegou

*Se a lua grande no céu já alumia
Acende a saia, ela gira na encantaria
Meiga cigana traz no tronco sua magia
O que outrora foi fogueira,
Hoje é sabedoria*

*Ô ô ô ô
Cigana Jacyra chegou
Ô ô ô ô
Cigana Jacyra chegou*

*Ô ô ô ô
Cigana Jacyra chegou
Ô ô ô ô
Cigana Jacyra chegou*

Optcha!

MARIPOSA

Desculpe interromper a festa, mas eu queria aproveitar o ensejo e fazer uma consulta. Cigana Jacyra, antes que o dia termine, posso lhe fazer uma pergunta?

CIGANA JACYRA

Claro, Dona Mariposa. A senhora sabe o procedimento? Quem responde não sou eu, é o meu tronco. Nós dois viramos fogueira no mesmo dia, então somos uma coisa só. A senhora segura o tronco na mão e faz a pergunta pra ele.

MARIPOSA (Segurando o tronco)

Cigana Jacyra: quando a saia gira, gira a saia ou gira o mundo?

CIGANA JACYRA

Dona Mariposa, a senhora sabe que a saia da cigana tem magia, não sabe? E que uma cigana gira aqui, outra cigana gira ali, outra cigana gira lá... de modo que se todas as ciganas girarem a saia ao mesmo tempo, o que acontece? Gira o mundo!

MARIPOSA

Entendi! Cigana, posso fazer mais uma única pergunta?

CIGANA JACYRA

Pode, Dona Mariposa.

MARIPOSA

A ganância dos homens é maior do que o encanto? ⁴

CIGANA JACYRA

Dona Mariposa, a ganância dos homens, da humanidade... jamais será maior do que o Encanto!! Jamais! Opctha!

CORO

Opctha!

CENA 13 :: CENA FINAL - DANÇANDO NO TERREIRO COM OS NOSSOS ANCESTRAIS PRA EMPURRAR O CÉU PARA CIMA

CANTO DE GUERRA III :: A LUA DO MEIO-DIA

CORO DAS ONÇAS

Nós continuamos rumando de um lado para o outro

Buscando abrigo, buscando terra, uma morada.

Um lugar onde o rio possa escapar ao dano, onde a vida

Possa escapar da bala nem sempre perdida.

A tagarelice dos homens silencia a inteligência das formigas.

É tanta fome sem fim, sem direção, é fome do ouro

Da terra, da pedra, do fundo da terra, do fundo da pedra

Fome do fundo, de tudo que puder pegar, vender, poder, o sal

⁴ Variação para esta segunda pergunta da MARIPOSA:

MARIPOSA

Há mundos por vir depois da lua do meio-dia? Quem pode mais, a ganância ou o encanto?

[Todo o CORO repete essa e outras perguntas, agora para o público.]

CORO

Há mundos por vir? De que lado você está? De onde você veio? Quem é bárbaro? A ganância pode com o encanto?

A planta, tudo da vida, a própria vida
Pegar, abrir e pegar o que tem dentro, roubar, levar

*Carregar o coração, o petróleo, o ferro, o ferro, o cristal
O coração, minérios, mais fundo, o açúcar, o gado, o café
A montanha, o tempo.*

O tempo, o tempo, o tempo, o tempo (2x)

CORO

Morrer, morrer, morrer, morrer (2x)

MARIPOSA

*Morrer de satisfação, morrer de aniquilação
Morrer nos braços de um amigo
Morrer abandonada sem abrigo
Morrer velha cheia de sabedoria
Morrer velha humilhada e perseguida*

CORO

Morrer, morrer, morrer, morrer (2x)

CORO DAS ONÇAS (Texto ora falado em solos, ora cantado em coro. Em sublinhado, as partes faladas em coro.)

O maior rio seco do mundo viu uma guerra fria
Guerra louca, guerra sem sentido.
São tantos tantos tantos tantas
Mortas de nós
E tantos povos.

Somos os bárbaros
Numa emboscada.
Em emboscadas.
Muitos anos já se passaram.
Foi ontem.
Muitos anos vão se passar.
O medo e a revolta continuarão espalhados pelo ar.
Sinto. Sentimos a presença de todos que se foram.
Porque ainda estão aqui.
E todo dia, toda tarde, toda noite nosso canto nos lembra que é preciso celebrar.
Há mundos por vir!!!
Há mundos por vir!!!

Nós, as Onças do Jaguaribe,
Mesmo acorrentadas, cantamos
Queimadas, cantamos.
Nossas redes continuam armadas
E os parentes, os ancestrais continuam vivos como nunca!
Eles nunca deixarão de existir.

(Durante a música/texto o CORO DAS ONÇAS se posiciona no chão, sem chapéus, como CORO DE CORPOS TOMBADOS. Sons de apitos. MENINO surge para acordar o Encanto e dar seu último recado.)

CANÇÃO DE ACORDAR ENCANTO

MENINO

Quem tiver dormindo acorde
Quem tiver dormindo acorde

Acorda! Acorda!

Que meu relógio deu hora
Que meu relógio deu hora

Quem tiver dormindo acorde
Quem tiver dormindo acorde

Acorda! Acorda!

Na bola do meu apito
Na bola do meu apito
Tem ciência de Jurema
Tem ciência de Jurema

Acorda! Acorda!

(Repete algumas vezes até todos acordarem. MENINO levanta seu chapéu e todos também levantam. Ao gesto do MENINO, todos recolocam o chapéu na cabeça ao mesmo tempo, surgindo os MESTRES de novo. Festejam.)

MENINO

Dou recado, mando recado
Rodo pião por qualquer trocado
Eu vim correndo, correndo eu vou.

So não corro agora porque uma surra me derrubou.
Eu vim aqui pra dar um recado
Mas eu só vou dizer pra que eu fui mandado
Quando vocês disserem como eu sou afamado.

CORO (Todos falam aos mesmo tempo, chamando por ele.)
Fedelho, criança, curumim, guri, miúdo, moço, pivete
pequeno, pirralho, moleque, menino, garoto etc.

MENINO

Eu não tive nome.
Eu tive fome.

CANTO DO MENINO

MENINO e CORO (responsivo)

*É no cair do sol
É no raiar da lua
É no cair do sol
É no raiar da lua
Lá vai o moleque na ponta rua*

COCO DA VOLTA

MENINO e CORO (responsivo)

*Levanta a poeira
É hora de voltar pra juremeira!*

(Durante a música MESTRES vão se posicionando para o retorna encerramento no palco.)

MENINO

O galo cantou na Barra do Catimbó
A Jurema mandou dizer
Epa mano meu! Epa mana minha!
É só! Andamo fugindo da polícia
Esquivando de punhal!
Seu Cobra Coral piou
Senhores Mestres, é o sinal
Não podemos mais ficar aqui
Já é hora de subir.

Carrego chave que abre o céu
A minha casa é meu chapéu
Meu samba enverga mas não quebra
Ele faz tremer a terra.

Levanta a poeira.
É hora de voltar pra juremeira!

(Menino apita e toca o sino.)

CANTO DE ENCERRAMENTO

NEGA BINA e CATIMBÓ

*Ó que lindo arraial
Quem vem ao romper da aurora*

CORO

*Ó que lindo arraial
Quem vem ao romper da aurora*

(Tirando os chapéus.)

*Até os passarinho chora
Quando os filhos de Jurema se despedem e vão embora.*
(2x)

MENINO e MALIA FACADA

Esteja fechado por hoje, mas aberto para o amanhã e todo sempre!

CORO

Que assim seja!

Após o agradecimento, a Cia passa o chapéu entre o público seguindo a tradição do teatro de rua, enquanto dança e canta festivamente:

*Eu sou
O Cavaleiro que São Jorge abençoou*

*Eu sou
O Cavaleiro que São Jorge abençoou
Eu vim pra me juntar com os guerreiros da Jurema (bis)*

*Tupã
Coloque em mim o seu cocar mais poderoso
Reis Canindé
Vai na frente
Guerreando com seu povo*

*Salve a Jurema Sagrada
Salve a Jurema Sagrada
Reis Malunguinho
Epa epa Juremá*

*Salve a Jurema Sagrada
Salve a Jurema Sagrada
Reis Malunguinho
Salve a Folha Juremá*

REALIZAÇÃO



COOPERATIVA
PAULISTA
DE TEATRO



CIDADE DE
SÃO PAULO

CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA

Este projeto foi contemplado pela 42ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa